

Educação: Entre Teoria e Prática

Volume IV

Lucas Rodrigues Oliveira
Rosalina E. Lustosa Zuffo
Bruno Rodrigues de Oliveira
Organizadores



Pantanal Editora

2024



Lucas Rodrigues Oliveira
Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo
Bruno Rodrigues de Oliveira
Organizadores

Educação: Entre Teoria e Prática

Volume IV



Pantanal Editora

2024

Copyright© Pantanal Editora

Editor Chefe: Dr. Alan Mario Zuffo

Editores Executivos: Dr. Jorge González Aguilera e Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora. **Diagramação e Arte:** A editora. **Imagens de capa e contracapa:** Canva.com. **Revisão:** O(s) autor(es), organizador(es) e a editora.

Conselho Editorial

Grau acadêmico e Nome

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Prof. MSc. Adriana Flávia Neu
Prof. Dra. Allys Ferrer Dubois
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior
Prof. MSc. Aris Verdecia Peña
Prof. Arisleidis Chapman Verdecia
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva
Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo
Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu
Prof. Dr. Carlos Nick
Prof. Dr. Claudio Silveira Maia
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos
Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva
Prof. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos
Prof. MSc. David Chacon Alvarez
Prof. Dr. Denis Silva Nogueira
Prof. Dra. Denise Silva Nogueira
Prof. Dra. Dennyura Oliveira Galvão
Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves
Prof. Me. Ernane Rosa Martins
Prof. Dr. Fábio Steiner
Prof. Dr. Fabiano dos Santos Souza
Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez
Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles
Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira
Prof. MSc. Javier Revilla Armesto
Prof. MSc. João Camilo Sevilla
Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales
Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski
Prof. MSc. Lucas R. Oliveira
Prof. Dr. Luciano Façanha Marques
Prof. Dra. Keyla Christina Almeida Portela
Prof. Dr. Leandro Argentel-Martínez
Prof. MSc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann
Prof. MSc. Marcos Pisarski Júnior
Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos
Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla
Prof. MSc. Mary Jose Almeida Pereira
Prof. MSc. Núbia Flávia Oliveira Mendes
Prof. MSc. Nila Luciana Vilhena Madureira
Prof. Dra. Patrícia Maurer
Prof. Dra. Queila Pahim da Silva
Prof. Dr. Rafael Chapman Auty
Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke
Prof. Dr. Raphael Reis da Silva
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes
Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo (*In Memoriam*)
Prof. Dra. Sylvana Karla da Silva de Lemos Santos
Dr. Tayronne de Almeida Rodrigues
Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca
Prof. MSc. Wesclen Vilar Nogueira
Prof. Dra. Yilan Fung Boix
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

Instituição

OAB/PB
Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
UO (Cuba)
IF SUDESTE MG
Facultad de Medicina (Cuba)
ISCM (Cuba)
UFESSPA
UEA
UNEMAT
UFV
AJES
UFGD
UEMS
IFPA
UNICENTRO
IFMT
UFMG
URCA
ISEPAM-FAETEC
IFG
UEMS
UFF
(Colômbia)
UNAM (Peru)
IFRR
UCG (México)
Rede Municipal de Niterói (RJ)
UNMSM (Peru)
UFMT
SED Mato Grosso do Sul
UEMA
IFPR
Tec-NM (México)
Consultório em Santa Maria
UFJF
UEG
FAQ
UNAM (Peru)
SEDUC/PA
IFB
IFPA
UNIPAMPA
IFB
UO (Cuba)
UFMS
UFPI
UFG
UEMA
IFB
Sec. Mun. de Educação, Cultura e Tecnologia de Araripe
UFPI
FURG
UO (Cuba)
UFT

Conselho Técnico Científico
- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

Catálogo na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

E24

Educação: entre teoria e prática - Volume IV / Organização de Lucas Rodrigues Oliveira, Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo, Bruno Rodrigues de Oliveira. – Nova Xavantina-MT: Pantanal, 2024. 62p. ; il.

Livro em PDF

ISBN 978-65-85756-44-0

DOI <https://doi.org/10.46420/9786585756440>

1. Educação. I. Oliveira, Lucas Rodrigues (Organizador). II. Zuffo, Rosalina Eufrausino Lustosa (Organizadora). III. Oliveira, Bruno Rodrigues de (Organizador). IV. Título.

CDD 370

Índice para catálogo sistemático

I. Educação



Nossos e-books são de acesso público e gratuito e seu download e compartilhamento são permitidos, mas solicitamos que sejam dados os devidos créditos à Pantanal Editora e também aos organizadores e autores. Entretanto, não é permitida a utilização dos e-books para fins comerciais, exceto com autorização expressa dos autores com a concordância da Pantanal Editora.

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

Apresentação

Este e-book reúne uma coletânea de capítulos que exploram diferentes aspectos da educação, transitando entre a teoria e a prática. O volume IV apresenta uma variedade de temas e abordagens, com o objetivo de fomentar a reflexão crítica e o aprofundamento do debate sobre os desafios e as possibilidades da educação na contemporaneidade.

A seguir, apresentamos um resumo dos principais pontos abordados em cada capítulo:

Capítulo I: Educação, sociedade e o mundo multipolar: primeiras aproximações. O capítulo discute a relação entre educação e sociedade no contexto de um mundo multipolar, marcado pelo fim da hegemonia de potências econômicas tradicionais e pela ascensão de novas forças geopolíticas. O autor argumenta que a educação desempenha um papel crucial nesse cenário, atuando como um espaço de conservação e transformação social. A partir de uma perspectiva crítica, o capítulo explora como a educação pode contribuir para a construção de um mundo mais justo e equitativo, em que a pluralidade e a cooperação sejam valorizadas. Ele destaca ainda a importância do multilateralismo como um caminho para superar os desafios globais e promover o desenvolvimento sustentável, com ênfase na autodeterminação dos povos e no respeito à soberania de cada nação.

No **Capítulo II: A pesquisa narrativa articulada à democracia pluralista: perspectivas e possibilidades na educação**, os autores defendem a pesquisa narrativa como uma metodologia promissora para a investigação da educação. A pesquisa narrativa, fundamentada na teoria da experiência de John Dewey, propõe uma abordagem que valoriza a subjetividade humana e a ética relacional. Os autores argumentam que a pesquisa narrativa, ao se articular com a noção de democracia pluralista de Chantal Mouffe, pode contribuir para a construção de uma educação mais democrática e emancipatória. O capítulo apresenta o espaço tridimensional da pesquisa narrativa, composto pelas dimensões da temporalidade, do pessoal-social e do lugar, como um instrumento para a análise das narrativas.

O **Capítulo III: Escrito a giz... Entre desenhos, escritas e escuta porosa**, apresenta o projeto “Escrito a giz...”, desenvolvido por Ronaldo Luis Goulart Campello e Marta Bottini, que busca estimular a criação artístico-literária em sala de aula. O projeto, que se insere no campo das práticas pedagógicas menores, propõe atividades que valorizam a expressão individual e a subjetividade dos estudantes. Os autores argumentam que a arte, por meio do desenho, da escrita e da escuta sensível, pode contribuir para a construção de sentidos e para a transformação do cotidiano escolar. O capítulo explora a relação entre desenho e escrita como formas de expressão que se complementam e se potencializam, abrindo espaço para a emergência de processos de subjetivação singulares.

No **Capítulo IV: A qualidade do ensino médio nas escolas públicas de tempo integral: uma análise fenomenológica a partir de docentes**, utilizando a fenomenologia como metodologia, os autores buscam compreender como os professores vivenciam e significam a qualidade do ensino nesse contexto específico. O capítulo apresenta a hipótese de que a qualidade do ensino médio ofertado nessas escolas pode não atender aos parâmetros considerados aceitáveis pelos docentes. Os autores argumentam

que a ampliação do tempo de permanência na escola não garante, por si só, a melhoria da qualidade do ensino. É preciso que essa ampliação seja acompanhada de políticas públicas e de práticas pedagógicas que valorizem a formação integral dos estudantes e o desenvolvimento de suas potencialidades.

Por fim, no **Capítulo V: Metodologia Caso de Ensino: estratégia no ensino remoto**, os autores analisam uma metodologia como estratégia para o ensino remoto no contexto da pandemia de COVID-19. A partir de um estudo de caso realizado na Academia Seara/Flora, da Escola Germinare, os autores investigam como essa metodologia foi adaptada para o ensino remoto e como foi percebida pelos estudantes. Os autores argumentam que a metodologia Caso de Ensino, por se basear em desafios de negócios reais e por estimular a participação ativa dos alunos, pode ser uma ferramenta eficaz para o ensino remoto. O capítulo discute os paralelos entre a metodologia Caso de Ensino e as metodologias ativas, destacando a importância da prática, do dinamismo das aulas, da qualidade do desafio e do engajamento dos alunos para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem.

O e-book **Educação: Entre Teoria e Prática Volume IV** oferece uma rica contribuição para o debate sobre a educação na contemporaneidade. A diversidade de temas e abordagens presentes nos capítulos convida o leitor a uma reflexão crítica sobre os desafios e as possibilidades da educação em um mundo em constante transformação. As discussões propostas neste volume são relevantes para professores, pesquisadores, gestores e demais profissionais da educação que buscam construir uma educação mais justa, democrática e emancipatória.

Os editores esperam que este e-book possa inspirar novas pesquisas e práticas pedagógicas inovadoras, contribuindo para a construção de uma educação de qualidade para todos.

Os organizadores

Sumário

Apresentação	4
Capítulo I	7
Educação, sociedade e o mundo multipolar: primeiras aproximações	7
Capítulo II	15
A pesquisa narrativa articulada a democracia pluralista: perspectivas e possibilidades na educação	15
Capítulo III	26
Escrito a giz... Entre desenhos, escritas e escuta porosa	26
Capítulo IV	33
A qualidade do ensino médio nas escolas públicas de tempo integral: uma análise fenomenológica a partir de docentes	33
Capítulo V	44
Metodologia Caso de Ensino: estratégia no ensino remoto	44
Índice Remissivo	61
Sobre os organizadores	62

Educação, sociedade e o mundo multipolar: primeiras aproximações

Recebido em: 06/09/2024

Aceito em: 17/09/2024

 10.46420/9786585756440cap1

Oscar Edgardo N. Escobar 

INTRODUÇÃO

Toda tentativa de superar os limites de um estágio historicamente determinado do capitalismo – nos parâmetros estruturais necessariamente orientados-para-a-expansão e propenso-à-crise do sistema do capital – está destinado mais cedo ou mais tarde ao fracasso. Mészáros (*A montanha que devemos conquistar*).

Nada mais indicado para recordar que sob as condições do aprofundamento da crise estrutural do sistema econômico ocidental, está cada vez mais evidente e mais perigoso para as sociedades como um todo. Ao mesmo tempo, vemos uma nova configuração de forças econômicas emergirem como alternativa real diante o velho modelo econômico ocidental e europeu, outrora dominante. A literatura mais progressista já observava que o sistema capitalista é uma relação social incorrigível. Eis aqui uma afirmação que nos ajuda a compreender a sua lógica, pois, ao longo do tempo transformou-se numa relação que produz a negação da humanização dos seres sociais, outrora, apresentava-se contrário daquilo que é hoje. O sistema social vigente atual de mercado privilegia toda a condição humana à sua subordinação. Mais como chegamos até este ponto, que circunstâncias históricas nos levaram a este momento crítico da sociedade?

Do ponto de vista histórico, sua contextualização esta referendada com o processo da colonização e da industrialização em forma progressiva e o declínio do mundo feudal, em termos de temporalidade, este processo se inicia no último terço do século quatorze, neste período abre- um novo processo econômico e político que permitirá inaugurar formas inéditas do trabalho social e o aparecimento de uma classe vinda dos burgos e do comércio, esta colocará em xeque todas as antigas formas de vida e de sociabilidade, como escrevia assertivamente o economista e político inglês Beaud (1981: 23), “ Quem poderia então imaginar que se preparava a dominação do mundo por um novo Deus: o capital?. Se considerarmos as diferenças históricas, essa afirmação confere um admirável assertórico aos nossos dias.

A discussão e o debate na esfera política, econômica e social é fundamental para compreender o papel que a educação tem na sociedade vigente. Sabe-se que o campo educacional teve e têm uma função

fundamental para o desenvolvimento da sociabilidade ou das mudanças que se operam na realidade social. Portanto, estudar o contexto econômico de uma determinada época pode dar pistas para entender e interpretar o campo educacional. Ele representou e representa, ademais, um processo vivo e dinâmico das múltiplas realidades na qual é parte e também definidora de espaços sociais vividos pelas relações mais amplas da sociedade que o produz e o torna possível, porém, qual é seu papel fundamental na sociedade atual? Assim, pretende-se com este trabalho compreender seu papel mais essencial. Este será nosso ponto de partida.

UM NOVO DEUS ENTRA NA HISTÓRIA HUMANA

A história nos possibilita entender que em dadas situações históricas, as contradições sociais entre as classes sociais, tendem a tornar-se mais complexas, mesmo que anteriormente tenham contribuído para o desenvolvimento social, estas podem passar a exercer um papel inverso e distinto daquele que desempenhavam outrora, dificultando o desenvolvimento das potencialidades humanas. Em tempos passados, por exemplo, o mundo simbólico da teologia nas sociedades primitivas foi a primeira forma de elevação dos conhecimentos místicos e fragmentários de explicação para a compreensão e interpretação de uma determinada realidade a nível simbólico; neste estágio de sociabilidade, o atendimento das necessidades básicas, econômicas e culturais representam eventos que são explicados por forças demiurgos, externas à condição humana; é uma concepção de mundo, ainda que intuitiva e sibilina. Foi a forma pela qual as sociedades tribais conseguiram generalizar em universalidade os conhecimentos empíricos obtidos na vivência e no aprendizado cotidiano. Essa pretérita generalização foi importante, milênios após, para a gênese do desenvolvimento do conhecimento na filosofia e a história, enquanto sistematização das experiências e saberes cotidianos em uma visão social de mundo também não mais mística e ininteligível.

Contudo, num momento histórico, esta visão teológica terminou por se transformar em um empecilho ao aditamento do ser humano. Não apenas porque, nas sociedades de classe, na maior parte das vezes, se transformou em justificativa do status quo; pois, ao projetar numa metafísica os poderes efetivos da sociabilidade humana, acima de tudo, ao fazer da história humana uma dádiva transcendental, possibilitando que os homens não tomassem consciência de serem eles os verdadeiros e únicos agentes da produção de seus próprios propósitos e fadário.

Ao ideologizar esse fato, necessária para a sociabilidade humana, a forma teológica de conhecimento dificultou que os indivíduos assumissem lucidamente o fato que eles eram a única fonte responsável pela sua história, que não havia nenhuma força extra-humana que os impedisse de esculpir o seu próprio caminho do modo como acharem mais justo e adequado. Com o desenvolvimento da ciência, da filosofia, da história, dos processos de conhecimento, etc., os povos passaram a contar com novos e melhores métodos para generalizar o conhecimento do singular em concepções de mundo e,

então o pensamento teológico se converte em um obstáculo à explicitação do gênero humano e do pensamento filosófico e científico.

Outra referência de como um modo de produção histórico e uma relação social, de impulsionadora do desenvolvimento humano, pode constituir-se em um obstáculo ao avanço da sociabilidade e das formas de trabalho humano, é o capital. Resulta inegável o seu papel, outrora, revolucionário e progressista, pois, ao romper os estreitos limites da sociedade medieval, ao possibilitar que as subjetividades humanas descobrissem e desenvolvessem a sua efetiva autonomia frente à totalidade social, ao revolucionar as forças produtivas num ritmo e numa intensidade sempre surpreendente. Todavia, esta nova relação social limitou-se a colocar novas classes, novas condições de arbitrariedade, novas forças e lutas, no lugar das anteriores, todavia, no plano social passara-se a apropriar-se de forma privada do trabalho social ou gerado pela coletividade, etc.

Portanto, com o passar do tempo, com o encerramento do ciclo revolucionário burguês, o capital¹ passa, de modo cada vez, mas intenso, a conter o desenvolvimento da sociabilidade humana em todas as dimensões da vida cotidiana, seja na cultura, política, na economia, principalmente, na própria produção de conhecimento, esta passa a constituir-se numa pseudociência, enfim, a um declínio acentuado tanto no campo material quanto espiritual. Portanto, como observa acertadamente Mészáros (2007), de forma inequívoca diz:

Na fase ascendente de seu desenvolvimento o sistema de capital era imensamente dinâmico, em muitos aspectos, também positivo. Somente com o passar do tempo – que trouxe objetivamente consigo a intensificação dos antagonismos estruturais do sistema do capital – este se tornou uma força regressiva perigosa. Se, entretanto, a ordem reprodutiva vigente não tem senso de tempo histórica, como, aliás, se verifica hoje, não pode se quer perceber a diferença (Mészáros, 2007: 25).

É exatamente por essa razão que, sob a influência da classe dominante, o estágio atual de nosso tempo pressupõe um declínio acentuado e persistente nas próprias democracias, estas tornam-se frágeis e mergulham num estado latente de incerteza, de constantes indefinições sociais, econômicas e políticas. Os espaços educacionais não se encontram alheios às esferas desta realidade social.

Por conta disso, hoje em dia, surgem soluções espontâneas a todos os problemas e contradições, oferecem-nos soluções que passam exclusivamente na acomodação do capital, as soluções passam exclusivamente por essa forma de trabalho social, a própria sociedade, com uma mídia imensa que possui uma capacidade extraordinária de ²alheamento da realidade social, passa a legitimar que é possível uma transformação da condição humana plausível a nosso tempo.

¹ “No reino o capital, a educação é, ela mesma, uma mercadoria. Daí a crise do sistema público de ensino, pressionado pelas demandas do capital e pelo esmagamento dos cortes de recursos dos orçamentos públicos (...) Uma sociedade que impede a emancipação só pode transformar os espaços educacionais em shopping centers, funcionais à sua lógica do consumo e do lucro” (Mészáros: 2008: 16).

² “Nossos antepassados também foram embalados pelas mesmas ilusões e nossos descendentes não escaparão a tal influência, até que se chegue em séculos vindouros a uma maior conscientização do ser humano, a respeito da vida, do mundo e de si mesmo” (Velloso, 1984: 17).

Eis aqui uma contradição que cada vez se torna mais visível; a própria “globalização” e os governos neoliberais entraram num processo que chegou ao limite de seu desenvolvimento, também, vê-se entrever a configuração de um poder multipolar e não mais unipolar. Esta realidade é inédita na atualidade, a dominação hegemônica de determinadas potências econômicas chegou ao fim, este é um dado novo para a sociabilidade humana, certamente trará um equilíbrio entre os países, principalmente, para as “economias emergentes”. Nas palavras de Mészáros (2015) quando afirma que:

Toda tentativa de superar os limites de um estágio historicamente determinado do capitalismo – nos parâmetros estruturais necessariamente orientados-para-a-expansão e propensos à crise do sistema de capital – está destinada mais cedo ou mais tarde ao fracasso, independentemente de quanto sejam “avançados” ou “subdesenvolvidos” os países que tentarem fazê-lo. A ideia de que, uma vez que a relação de forças entre os países capitalistas e os pós-capitalistas tenha mudado em favor dos últimos, a via da humanidade para o socialismo será uma jornada tranquila é na melhor das hipóteses ingênua (Mészáros, 2015: 166).

Por conta disso, dentro da estrutura de classe, são utilizadas formas para minorar as contradições que nascem no interior do capital e dos interesses de classe. São essas circunstâncias que se deve submeter as expectativas esperançosas por uma sociedade sem os problemas atuais, a saber encontra-se um processo de transição em curso na qual, à sombra da penosa crise atual, vá emergindo a necessidade de uma integração verdadeiramente global dos intercâmbios produtivos da humanidade, esse movimento, distanciado de ocidente e das economias europeias, – a qual se pode entrever apenas um movimento constante e contínuo, o mundo multipolar ou multilateral³.

PRIMEIROS ÁDITOS

Por certo, as soluções aos múltiplos problemas da vida humana passam pelas ações coletivas, a história demonstra isso, e não por iniciativas privados ou movimentos espontâneos, nem muito menos por forças subjetivas ou anseios idealistas. Estas considerações não são novidade, permitem-nos apenas sob as circunstâncias atuais da crise estrutural do sistema, ver de que formas as sociedades estão enfrentando as temerárias formas de resolução e das contradições inerentes a esta relação econômica. A situação atual não é mais favorável a deslocar as contradições sem acelerar ao mesmo tempo os limites irremovíveis do próprio sistema. Em tempos pretéritos a capacidade do capital, regenerar-se ou superar suas crises cíclicas e conjunturais era relativamente amparada pela contínua auto expansão, este fenômeno já não é possível pela nova configuração do mundo multipolar⁴.

³ O multilateralismo é uma forma de organizar as relações humanas dentro de uma perspectiva de cooperação conjunta entre os países, está referendado através da ONU (Organização das Nações Unidas), em certa medida, é uma agenda positiva, pois, promove estratégias de ação na promoção do bem coletivo e na ordem do sistema internacional. Essa prática permite que os países atuem em conjunto em busca de propósitos comuns e permite cooperação entre os Estados membros. Entretanto, o mesmo foi transformado num unilateralismo pelas economias ocidentais e europeias. Assim está em marcha um novo multilateralismo.

⁴ A nível histórico, foi no período do término da segunda guerra mundial que os países que derrotaram as ofensivas fascistas e nazistas, sob a liderança dos países aliados, organizaram uma estrutura jurídico-institucional de âmbito global, com o objetivo de disciplinar as relações econômicas entre os Estados constituídos. Entretanto, no decorrer do tempo, o multilateralismo

Ao definir o progresso social a economia real e progressista declara que esta deve passar necessariamente, como uma relação inequívoca, pelo desenvolvimento das forças produtivas e a melhoria do nível de vida da população em geral, tanto na sua dimensão material quanto nos aspectos espirituais. Assim, não se pode menosprezar essa evidência histórica.

Embora a educação tenha a função de conservação da socialização dos saberes não se pode ignorar o fato de que toda educação, em particular a educação escolar, supõe sempre seleção no interior da cultura e uma reestruturação dos conteúdos destinados a satisfazer certos interesses sociais, em muitas circunstâncias eles aparecem velados e justificados socialmente; assim, a escola é um espaço político também que possibilita a criação de uma visão social de mundo que pode definir que tipo de sociedade está o coletivo querendo construir ou transformar. Chauí (2001) afirma que no atual contexto, a produção de conhecimento e a organização social deve ser melhor entendida, pois:

Precisaríamos começar compreendendo que a democracia não é forma de um regime político, mas uma forma de existência social. Compreendida sob esse ângulo, ela nos permitiria perceber que o poder não se restringe à esfera do Estado, mas se encontra espalhada pelo interior de toda a sociedade civil sob a forma da exploração econômica e da dominação social veiculada pelas instituições, pela divisão social do trabalho, pela separação entre proprietários e produtores, dirigentes e executantes. A democracia, entendida como democracia social e política, também nos permitiria perceber como as divisões sociais operam no sentido de privatizar cada vez mais a existência social, reduzindo progressivamente o campo das ações comuns ou grupais, restringindo o espaço social ao espaço doméstico isolado (basta examinar o urbanismo contemporâneo para ver que essa privatização da vida salte aos olhos), mobilizando periodicamente os indivíduos para melhor despolitiza-los” (Chauí, 2001: 60-70).

Esse é um desafio de nosso tempo, há múltiplas soluções educacionais, porém, a maioria passa por uma mera reforma da sociedade, mesmo aquelas correntes mais progressistas. Ora, a crise coloca em evidência os retrocessos conquistados a duras penas ao longo do processo histórico. Sabemos que a educação não é um trabalho pronto acabado a ser transferido às consciências vazias das novas gerações, como sustentavam e sustentam as concepções positivistas ou funcionalistas. A perspectiva do materialismo histórico e dialético considera a educação como uma relação social que se institui entre os seres sociais (independentes das vontades individuais), ao mesmo tempo, a sociedade está num processo de continua transformação, desse modo, a educação também está num permanente ato de modificação. Todavia, sabemos que a sociabilidade humana está pautada por inúmeras contradições que passam por as classes que a compõem. Assim, o trabalho educativo não pode ser abordado ou entendido se for apenas analisado separadamente, é necessário levar em consideração as múltiplas dimensões que compõem as relações sociais, isto é, a esfera econômica, política, cultural, entre outras. Na atualidade há uma contradição entre as forças produtivas e os modos de relacionamento social que estão levando as sociedades a um forte declínio, em todos os âmbitos da relação social vigente. Um estudioso historiador, em relação a este problema, enfatiza que atualmente:

logo evoluiu para algo mais densamente político, pois, os pises ocidentais dominantes exerceram uma influência poderosa aos países que tivessem uma postura contrária a seus interesses econômicos, políticos e sociais.

É revelador do caráter incorrigível do sistema do capital que, mesmo num momento como este – quando a imensa grandeza da crise em desenvolvimento já não pode ser negada pelos mais devotos apologistas *ex officio* do sistema, uma crise descrita há poucos dias por ninguém menos que o vice-governador do banco da Inglaterra como a maior crise em toda a história humana (...) todos são forçados a terem pelo menos alguma preocupação sobre a verdadeira natureza e as necessárias consequências destrutivas da globalização capitalista, saúda de forma dogmática (Mészáros, 2011: 28, grifos do autor).

É exatamente por essas razões que, o declínio da sociedade atual não é apenas uma crise econômica ou financeira, é algo mais, pois, coloca em ação a possibilidade de milhares de pessoas não poder ter acesso às mais mínimas condições de sobrevivência, mesmo querendo vender a fonte de seu trabalho não conseguem encontrar lugar para isso, assim, as condições de sobrevivência vão sendo deterioradas a situações inimagináveis. O mundo atual exige um processo educativo baseado em informações com crescente apropriação social, econômica, científica e tecnológica, porém, o que vemos é ao contrário. As medidas executadas na última década têm trazido para a sociedade um estado de arrocho salarial significativo das classes produtivas, a educação, o transporte, a cultura, o lazer, a saúde foi abandonada. A organização do Estado democrático tem assumido um papel de mero gestor de mercado, direcionando as sociedades a estabelecerem insegurança, pauperização e uma acentuada e crescente desigualdade social, etc. Ademais, pode-se observar que a sociedade está aberta às mudanças por uma situação diferente da atual, há uma crescente reivindicação para reverter a situação de esta organização econômica neoliberal, e vêm à tona uma antiga questão: De que forma poderemos superar a crise atual em que se encontra o capital? Quais serão as suas consequências para a sociedade como um todo? Eis uma antiga realidade que a cada dia se renova.

SEGUNDOS ÁDITOS

De um ponto de vista amplo, é cada vez mais perceptível como a sociedade enfrenta dificuldades em reproduzir a vida humana em diferentes áreas, como a economia, a política e a cultura. É exatamente por essa razão que, as pessoas não encontram espaços sociais que permitam o desenvolvimento de suas capacidades e sua libertação. Tanto a sociedade em si quanto as instituições priorizam o mercado em detrimento das necessidades das pessoas. O conhecimento objetivo da realidade foi substituído por desinformação e enganos, que são alimentados pelo atual sistema capitalista. Diversos meios de comunicação e grupos ideológicos reforçam essa visão de mundo, incluindo jornais, televisão, políticos, intelectuais e até as esferas da teologia.

No entanto, começa a surgir uma contestação que alimenta a esperança de um mundo diferente, uma sociabilidade alternativa e um tempo novo. Isso se associa ao novo multilateralismo que surgiu nas últimas décadas e que nasce em oposição ao de Ocidente. Em outras palavras, novas forças econômicas darão lugar à hegemonia ocidental, nomeadamente China e os países da eurásia central, inclusive, está-se retomando as rotas comerciais que tinham desaparecido no tempo e há novos blocos econômicos com acordos bilaterais fortemente equitativos e de equilíbrio comercial, o exemplo mais ilustrativo deste

processo é o denominado, os Blocos. Esta nova configuração de acordos internacionais possui como princípio acordos que permitem o desenvolvimento entre seus membros numa perspectiva de paridade e solidariedade econômica, transferência tecnológica, acordos educacionais que tragam o desenvolvimento e a superação dos problemas internos. Independência política interna sem a intervenção externa como o indicam as constituições dos países: “à autodeterminação dos povos”, deve ser uma dádiva do coletivo de cada nação.

Por conta disso, cada vez os países estão querendo ser membros desses blocos em franca ascensão.

No auge deste contexto, o homem se encontra num impasse, sabe raciocinar e pode tirar inúmeras deduções, a politização de seu ambiente o libera de crenças e hábitos que considerava naturais. Sabe também, de forma mais ou menos lucida que os benefícios gerados pela ciência e pelo trabalho social podem ser de uso coletivo que possibilitaria aos seres humanos leva-los a um patamar superior de sociabilidade, etc. Diante dessa nova realidade aponta novos rumos. O novo multilateralismo surgiu como uma proposta que possui objetivos que são comuns a todos seus participantes. Ele implica a abertura e a inclusão em lugar de fechamento, em lugar de procurar a supremacia; consulta e cooperação em vez de conflitos e antagonismos; o desenvolvimento conforme às mudanças está no eixo destes acordos bilaterais. Preservar a pluralidade global e respeito legítimo ao progresso e a escolha soberana do caminho de cada nação, é um princípio de prioridade.

Um representante ilustrativo do multilateralismo são as Nações Unidas, que tem a incumbência de distribuir aos seus membros igual peso de voto, porém, nos últimos tempos há perdido legitimidade uma vez que as decisões que nascem aqui não são respeitadas pelos países hegemônicos que a formam, não é sem razão, que seus próprios membros lutam por uma nova reorganização. Oposto a estes órgãos internacionais temos o unilateralismo, que de forma geral, as grandes potências econômicas de ocidentes têm levados às nações a grandes crises e conflitos políticos, militares e sociais, também tem gerados inúmeras tensões que beiram à estabilidade da ordem mundial. O exemplo mais recente foi as sanções econômicas a determinados países levadas a cabo de uma forma unilateral, que trouxeram como consequência ameaças efetivas de desestabilização generalizada, o unilateralismo congelou divisas de alguns países, inclusive chegou a excluí-los do sistema de Swift (Sistema Internacional de Pagamentos), fato incomum e inéditos nos acordos internacionais. É oportuna a seguinte observação:

Efetivamente, no contexto de hoje torna-se fundamental a alternativa de uma produção planejada e organizada dada a crise estrutural das economias ocidentais, torna-se célere hoje, mais do que nunca, e visível por toda parte. Segundo um estudioso desse processo, Jabbour (2010), observa que: “A China reivindica a natureza socialista do seu processo de desenvolvimento. (...) Por outro viés, está em curso uma nova forma de organizar as relações humanas, onde a divisão social do trabalho consiga destruir essa separação do trabalho manual e intelectual. Os próprios sistemas de ensino convergem para a formação de seres humanos que possibilitem pensar a realidade e pensar-se nessa realidade com a potencialidade de sua transformação em benefício do coletivo (Escobar, 2024: 117-18).

É importante assinalar que as sociedades que optaram por organizar a sociabilidade humana diferente do capitalismo, encontraram a superação de inúmeros problemas decorrente da expropriação do trabalho alheio uma vez que tem atingido patamares significativos de diminuir as desigualdades sociais e econômicas, todavia, tem avançado na distribuição do conhecimento e no desenvolvimento tecnológico, não em benefício de uma parcela da população, senão ao contrário, o multilateralismo vá nessa direção. Estas questões serão desenvolvidas numa outra oportunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andréas, B. Entrevista de Karl Marx. Chicago Tribune – dezembro de 1878. Ensaios: Editora e Livraria Escrita Ltda. Ano V – Nº 11/12 – p. 11/12, São Paulo, 1983.
- Beaud, M. História do capitalismo: de 1500 aos nossos dias. Trad. De José Vasco Marques. Editorial Teorema, LDA. Lisboa. 1981
- Chauí, M. Escritos sobre a universidade. Editora: UNESP. São Paulo: 2001.
- Escobar, N. O. E. Sobre a universidade: o declínio da sociedade atual. Editora Viseu, Maringá, 2021.
- Escobar, N. O. E. Ensaio sobre o processo da colonização e da educação. Editora: Appris. 1ª edição. Curitiba, 2024.
- Machado, A. B. Desafios da Educação: abordagem e tendências pedagógicas para um futuro pós-covid. Editora Bagai, Curitiba, 2021
- Introdução às Ciências Sociais. Nelson Carvalho Marcelino (org.) 6ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1996.
- Manacorda, M. A. Marx e a pedagogia moderna. 2ª ed. Cortez: Autores Associados. São Paulo: 1991.
- Mészáros, I. A educação para além do capital. 2ª ed. Boitempo. São Paulo: 2008.
- Mészáros, I. O desafio e o fardo do tempo histórico: o socialismo do século XXI. São Paulo: Boitempo, 2007.
- Mészáros, I. A crise estrutural do capital. São Paulo: Boitempo, 2011.
- Mészáros, I. A montanha que devemos conquistar: reflexões acerca do Estado. Tradução: Maria Izabel Lagoa. 1ª edição. Editora: Boitempo, São Paulo, 2015.
- Velloso, V. A evolução social: explorados e exploradores. Editora Movimento, Porto Alegre, 1984.
- Gomez, C. M. et al. Trabalho e Conhecimento: dilemas na educação do trabalhador. 6ª. Ed. São Paulo, Cortez, 2012.

Índice Remissivo

A

Academia Seara/Flora, 42, 43, 45, 48

C

COVID-19, 41, 42, 46, 54

D

democracia, 0, 8, 12, 19, 21

desenho, 0, 24, 25, 28, 46

Dewey, 14, 15, 16, 19

E

educação, 0, 1, 4, 6, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 21,
23, 25, 30, 31, 32, 33, 37, 38, 39, 40, 41, 44,
45, 46, 54, 56, 57

Educação, 4

ensino médio, 0, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38,
39, 40, 57

ensino remoto, 1, 41, 42, 43, 45, 48, 54, 55

Escola Germinare, 42, 43, 47

escrita, 0, 18, 25, 28, 29

M

metodologia, 0, 1, 13, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49,
50, 53, 54, 55, 56

N

narrativa, 0, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21,
36, 53

S

sociedade, 0, 4, 6, 7, 8, 9, 11, 15, 19, 44, 55

T

transformação, 6, 8, 10

Sobre os organizadores



  **Lucas Rodrigues Oliveira**

Mestre em Educação pela UEMS, Especialista em Literatura Brasileira. Graduado em Letras - Habilitação Português/Inglês pela UEMS. Atuou nos projetos de pesquisa: Imagens indígenas pelo “outro” na música brasileira, Ficção e História em Avante, soldados: para trás, e ENEM, Livro Didático e Legislação Educacional: A Questão da Literatura. Diretor das Escolas Municipais do Campo (2017-2018). Coordenador pedagógico do Projeto Música e Arte (2019). Atualmente é professor de Língua Portuguesa no município de Chapadão do Sul e na Secretaria de Educação Estadual de MS. Contato: lucasrodrigues_oliveira@hotmail.com.



 **Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo**

Pedagoga, graduada em Pedagogia (2020) na Faculdades Integradas de Cassilândia (FIC). Estudante de Especialização em Alfabetização e Letramento na Universidade Cathedral (UniCathedral). É editora Técnico-Científico da Pantanal Editora. Contato: rlustosa@hotmail.com.br



  **Bruno Rodrigues de Oliveira**

Graduado em Matemática pela UEMS/Cassilândia (2008). Mestrado (2015) e Doutorado (2020) em Engenharia Elétrica pela UNESP/Ilha Solteira. Pós-doutorado pela UFMS/Chapadão do Sul na área de Inteligência Artificial aplicada na Engenharia Florestar/Agrônômica. É editor na Pantanal Editora e Analista no Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul. Tem experiência nos temas: Matemática, Processamento de Sinais via Transformada Wavelet, Análise Hierárquica de Processos, Teoria de Aprendizagem de Máquina e Inteligência Artificial, com ênfase em aplicações nas áreas de Engenharia Biomédica, Ciências Agrárias e Organizações Públicas. Contato: bruno@editorapantanal.com.br

Pantanal Editora

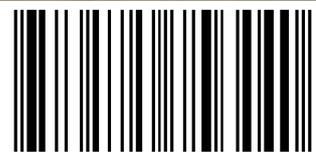
Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000

Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil

Telefone (66) 9608-6133 (Whatsapp)

<https://www.editorapantanal.com.br>

contato@editorapantanal.com.br



9786585756440